

Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831)

1. Introdução.

Hegel, que inicia suas reflexões debruçando-se sobre questões teológicas, vive intensamente toda a produção cultural da transição do século XVIII para o século XIX. Interessa-se pela filosofia, pela literatura, pela arte e acompanha os eventos históricos dessa época crítica. Se Kant colocara com propriedade e rigor os limites da razão pura, propondo a substituição da ontologia por uma analítica do entendimento puro e das formas a priori da sensibilidade, Hegel procurará superar as limitações desse idealismo. Ou seja, Hegel busca um idealismo que não necessite abrir mão do conhecimento do ser em si¹.

Assim, num sistema filosófico que incorpora a História à Razão, irá propor a realidade como processo, em si mesmo ideal e, por isso mesmo, possível de ser acessado através da consciência de um sujeito cognoscente, ele próprio

¹ Hegel criticará o fato de Kant ter se limitado ao indivíduo humano, ao tentar compreender o conhecimento e a experiência das coisas. Segundo Hegel, Kant consideraria os conceitos apenas na sua função de submeter os dados da sensibilidade à faculdade humana de representar objetos e, assim, separaria, por um lado, uma esfera de experiência regulada pela mente humana (fenômenos) e, por outro lado, a esfera da realidade mesma que não poderia ser conhecida ou experimentada pelo homem (coisa-em-si). Por considerar os conceitos como subordinados à função da mente humana de representar objetos, Kant, afirma Hegel, mantém a problemática separação entre pensamento e realidade. Hegel pretenderá justamente expor as condições da identidade entre pensamento e realidade. É relevante para Hegel que Kant tenha introduzido a ideia de que nosso conhecimento da realidade não é a mera representação em nós do que existe independentemente na realidade, mas sim de que os conceitos são constituintes da realidade, isto é, de que a unidade de pensamento e realidade é uma unidade sintética. Apenas, Hegel criticará que se reduza o pensamento à sua função, para o indivíduo humano, de unificação e classificação dos dados sensíveis e pretenderá que os conceitos são conteúdos determinados que se relacionam entre si, negando-se e complementando-se, e acabando por formar sinteticamente um saber que não se limita ao objeto de nossa experiência sensível, mas que é idêntico à própria realidade, um saber não de aspectos parciais da realidade, mas do todo da realidade e que por isso é chamado de "saber absoluto". A exposição desse saber absoluto será possível a Hegel em razão dele ter radicalizado a tese kantiana de que a consciência é temporal, no sentido de afirmar que a consciência que temos se forma não apenas, como queria Kant, pela síntese da sucessão de nossos estados subjetivos, mas sim pelo processo histórico em que formas de saber (certeza) visam adequar-se a conteúdos de realidade (verdade), são negadas e enriquecem-se em novas formas de saber mais adequadas em sucessivos momentos históricos. A história em Hegel é o próprio processo de realização da unidade de pensamento e realidade, pois a história põe a verdade absoluta de que a realidade é o próprio processo do espírito humano, ascendendo ao saber de que a realidade é produzida historicamente. Os conceitos interpretativos que Kant considerava como imutáveis e pertencentes à estrutura da mente humana se revelam assim formas de pensamento produzidas historicamente e passíveis de serem superadas.

sujeito do processo. Hegel representa talvez a culminância, a expressão mais elaborada da concepção moderna de Filosofia da consciência.

2. A natureza

A originalidade de Hegel, nessa concepção está em incorporar a noção de processo, a história, ao puro sistema de conceitos, inaugurando uma lógica dialética como instrumento do pensamento do ser. A realidade é um processo em evolução, que tem um ponto de partida na Ideia Absoluta. A Ideia Absoluta seria toda a realidade preexistindo num estado de sistema de conceitos, pura estrutura lógica e nada mais. Tal sistema de conceitos é em si, existe em si e não precisa de nada fora de si para existir.

Porém, justo porque é apenas um sistema conceitual, não tem a consciência de si mesmo. Nesse primeiro momento a realidade já está toda aí, toda lançada, porém não tem ainda a compreensão de si mesma, não existe para si. E todo o processo da realidade não será senão o movimento, a transformação da realidade, da Ideia em si para um novo estado conceitual em que possa tornar-se existente para si. Para atingir a autoconsciência, torna-se necessário que a Ideia se coloque fora de si, o que gerará todo o processo de evolução da realidade.

Assim, a natureza não é outra coisa senão uma etapa do desenvolvimento universal da Ideia, que parte de um estado puramente lógico e inconsciente e passa a se desdobrar em realidade fora de si, outro de si, apenas para, a partir dessa nova realidade, conquistar o caminho da consciência de si própria, voltar-se para si. A transformação do sistema não se realiza para que a Ideia ou a realidade adquira nenhum conteúdo que já não possuísse enquanto Ideia, mas simplesmente para que possa adquirir a consciência de si, desse conteúdo.

3. A dialética

Quando a Ideia se coloca fora de si, se colocando como natureza, essa exterioridade deve ser entendida como alteridade no sentido de oposição, já que o conteúdo da Ideia não poderia existir separado da Ideia. A natureza não

precisa de nenhum princípio exterior estranho à Ideia para surgir. Toda e qualquer realidade existe como manifestação da Ideia.

São três as etapas, o embrião da dialética: o em si, o fora de si e o para si. As condições em si e fora de si são evidentemente antitéticas, porém complementares. Por isso, ao negar a segunda condição, a condição para si associa, sintetiza as duas primeiras. Todo o real, tudo aquilo que aí está, é a própria Ideia, é o conceito transformado em "coisa", para poder transformar-se em seguida em Ideia, em conceito de conceito. Para poder voltar a si mesma, sob a forma de consciência de si, a Ideia transmuta-se em Natureza².

4. Identidade entre o real e o racional

Do que foi dito, pode-se concluir que a dialética não é apenas o instrumento lógico para pensar a realidade, mas também o próprio processo de instauração da realidade. Daí a afirmação do mais alto grau de idealismo de Hegel: "Tudo o que é real é racional, tudo o que é racional é real." Dizer que todo o real é racional significa já afirmar que o processo de geração da natureza não é absurdo nem mesmo contingente, ao contrário, é lógico e necessário. As mesmas leis regem movimento da natureza e o processo do pensamento. A Razão é consciente no homem, onde se manifesta como pensamento lógico, e inconsciente na natureza, onde opera como lei do processo de evolução. Logo, este princípio vale também para a História e todas as manifestações culturais. Dizer que todo racional é real significa mais ainda, significa afirmar que é suficiente pensar de acordo com a lógica para se estar seguro, a priori, não apenas de que o pensamento corresponde à realidade, porém que o pensamento racional é a realidade.

O que é o Absoluto para Hegel é, assim, a Razão. Encarado desse modo, o Absoluto não pode ser visto como uma substância transcendente, um ser

² Esta é a potência do conceito, que não renuncia ou perde sua universalidade na objetividade dispersa, mas justamente revela esta unidade por meio da realidade e nela. Pois constitui seu próprio conceito conservar a unidade consigo em seu outro. Apenas assim ele é a totalidade efetiva e verdadeira. A Ideia é um todo segundo os dois lados do conceito subjetivo e objetivo, mas ao mesmo tempo a concordância e unidade mediadas, que eternamente se realizam e se realizaram, destas totalidades. (Hegel, Cursos de estética)

completo em si mesmo, independente do processo da realidade. Ele é um sujeito, um movimento, estritamente imanente à natureza e ao espírito, antes de ser ele mesmo como resultado. Cada ser particular é, então, um momento, uma etapa do desenvolvimento do Absoluto e, portanto, não pode ser considerado nele mesmo, destacado do processo que o constituiu. O desenvolvimento do Absoluto, a marcha e o progresso da Razão no sentido da consciência de si, é explicada pela tríade dialética.

Sendo, ao mesmo tempo, o desenrolar do pensamento humano e a lei imanente do desenvolvimento das coisas e do espírito, constitui-se no modelo de todo o método de conhecimento, no próprio método da Filosofia.

5. A contradição

A dialética procede por três etapas: tese, antítese e síntese. A força da dialética é a contradição. Já que é impossível permanecer na contradição, a dialética consiste em superá-la. Suspensa entre dois infinitos: um infinito abstrato ou negativo, que é sua origem, e um infinito concreto ou positivo, sua finalidade plena, que é o pleno Espírito, a dialética, ponte ou passagem de um a outro, é o domínio do finito. Todo ser finito, pelo fato mesmo de ser finito, determinado, limitado comporta um elemento negativo, uma negativa interna. Já que não é absoluto, está destinado a desaparecer, ou seja, no momento mesmo em que existe traz consigo o princípio de sua destruição. Ora, dessa forma, em se colocando um ser finito, seja ele um objeto ou um conceito, é preciso negá-lo: ou se o suprime ou se coloca o seu oposto, a sua contraditória. Dois termos contraditórios não podem ser, nem ser pensados, ao mesmo tempo. É preciso, então, colocar-se um terceiro termo que opere a síntese, isto é, que os unifique fazendo com que se apresentem como são verdadeiramente, apenas como momentos de um processo ascendente, cuja verdade se dá pela superação de sua provisoriedade, na síntese que os ultrapassa ao superar a contradição.

6. A história

A filosofia de Hegel expressa o desenvolvimento da Ideia em direção ao Saber Absoluto. Compreende a Lógica, ciência do ser em si, a Filosofia da Natureza, ciência do espírito negado ou alienado, que está fora de si e a Filosofia

do Espírito, ciência do espírito para si, retornando a si mesmo, tomando consciência de si. O sistema encontra sua conclusão, seu fechamento, na Filosofia da História, que percorre as grandes linhas do progresso da humanidade. A História da Filosofia apresenta a sucessão dos sistemas que procuram refletir a realidade. Dessa forma, a cada momento da História, para a etapa do processo, corresponde uma interpretação do real que concretiza o máximo de compreensão que o espírito pode alcançar naquele momento do processo.

Os sistemas filosóficos que emergem nesse processo, no entanto, não são definitivos. A própria consciência da realidade adquirida por meio de cada um desses sistemas sucessivos traz consigo, dialeticamente, sua negação, isto é, conduz a algo mais, na medida em que se constitui como condição de possibilidade de perceber algo que não se encontra imediatamente explicado por essa concepção. Nessa evolução universal, o sujeito, a realidade que se encontra em processo é o Espírito, que, na sua objetividade de sucessão de acontecimentos físicos, se subjetiva em fenômenos sociais, éticos e psicológicos sucessivos para, finalmente, se torna Absoluto.

À história Natural segue-se uma História da Humanidade, pois, no momento do processo em que aparece o homem, surge a possibilidade da consciência, e a evolução continua através dos diferentes tipos de cultura e de civilizações., podendo haver identidade entre o progresso de uma consciência individual e o progresso do espírito humano em geral. Seria possível, então, fechar-se o círculo do processo evolutivo num ápice do Saber Absoluto, num sistema que refletisse o pleno Espírito para si, não mais o Universal Abstrato, puro conceito da Ideia em si, nem os particulares concretos do ser fora de si, mas a realização de um Universal Concreto: o fenômeno identificando-se com sua essência. (txt retirado de Edições didáticas cp2, Filosofia. Sem indicação de autor).